

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM A *TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS*, DE TEREZA ALBUES

THE REPRESENTATION OF THE BLACK WOMAN IN A *TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS*, BY TEREZA ALBUES

Jesuino Arvelino Pinto¹
Julianna Alves Bahia²
Thiago Monteiro do Carmo³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo evidenciar a representação da mulher negra na obra *A travessia dos sempre vivos* da escritora mato-grossense Tereza Albues. Apesar de Teodora não ser a protagonista do terceiro romance de Albues, essa mulher, negra, ex-escravizada e pobre tem um papel relevante na narrativa, posto que desde o início da história, a mulher de João Pedro se mostra ser personagem importante para o desenvolver do enredo. Dessa forma, para contemplar os propósitos delineados neste trabalho, usar-se-á como aporte teórico, textos que compõem a fortuna crítica de decolonialidade Fanon (2008), do feminismo negro e da interseccionalidade Crenshaw (2002), Dalcastagnè (2008) e Lugones (2014).

Palavras-chave: Teodora, mulher negra, ex-escravizada, interseccionalidade.

ABSTRACT

This article aims to highlight the representation of black woman in the work *A travessia dos sempre vivos*, by Mato Grosso writer Tereza Albues. Although Teodora is not the protagonist of Albues' third novel, this woman black, formerly enslaved and poor plays a relevant role in the narrative, since from the beginning of the story, João Pedro's wife appears to be an important character for the story. develop the plot. Thus, to contemplate the purposes outlined in this work, texts that make up the critical fortune of decoloniality

¹ Doutor em Estudos Literários pela UNEMAT, Campus de Tangará da Serra. Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. UNEMAT, Campus de Tangará da Serra. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. UNEMAT, Campus de Tangará da Serra UNEMAT. Mestra em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários” pelo Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: julianna.bahia@unemat.br

³ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. UNEMAT, Campus de Tangará da Serra UNEMAT. Mestre em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários” pelo Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: thiago.monteiro@unemat.br

Fanon (2008), black feminism and intersectionality Crenshaw (2002), Dalcastagnè (2008) and Lugones will be used as theoretical support. (2014).

Keywords: Teodora, woman, black, formerly enslaved, intersectionality.

Introdução

A presença do regionalismo mato-grossense, na maioria das obras de Tereza Albués, denota o comprometimento da escritora em resgatar e conservar a cultura, os hábitos, as tradições e dialetos do povo dessa região, com enredos fascinantes, envolventes e emaranhados de mistérios, com personagens intrigantes; tudo isso correlacionado a denúncias sérias de acentuada relevância social. Nesse contexto, o propósito deste artigo consiste em analisar a representação da mulher negra em *A travessia dos sempre vivos*, escrito por Tereza Albués.

Tereza Albués nasceu em Várzea Grande, no estado do Mato Grosso, em 24 de agosto de 1936, tendo falecido, aos 69 anos, em Nova York, em 5 de outubro de 2005. A história de vida e superação de Tereza é um exemplo de inspiração para muitos. De família pobre, a escritora teve uma infância e adolescência sofridas, mas, apesar disso, formou-se, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Direito, Jornalismo e Letras.

Ao se aprofundar na biografia de Albués, percebe-se que as adversidades serviram de incentivo para ela querer/desejar uma vida melhor, ou pelo menos, mais digna. Desde criança, ela gostava muito de estudar, principalmente de ler, hábito que contribuiu bastante para ajudá-la a superar as dificuldades, conforme a própria autora afirma no seu romance *O berro do cordeiro em Nova York*, caracterizado por Magalhães (2001) como místico-autobiográfico.

Não foi difícil concluir que o estudo era a minha arma, só através dele eu me distanciaria da opressão daquelas mulheres, haveria de conseguir respeito, admiração e liberdade pra fazer o que quisesse, dispunha de um trunfo poderoso nas mãos. Eu tinha apenas oito anos, o amadurecimento madrugando com a visita da dor antecipada, me fazendo crescer anteriormente [...] (ALBUÉS, 1995, p. 54).

Anos mais tarde, na década de 1980, foi morar nos Estados Unidos, onde viveu por 25 anos. Foi também o lugar em que produziu as suas obras: os romances *Pedra canga* (1987), *Chapada da palma roxa* (1991), *Travessia dos sempre vivos* (1993), *O berro do cordeiro em Nova York* (1995) e *A dança do jaguar* (2000), além do livro de contos *Buquê*

de línguas (2008). Em suas obras, é possível perceber certo padrão de temática e estilo de escrita; de maneira geral, as histórias são envolventes, mesclando situações reais e mágicas, abordando problemáticas sociais, resgatando memórias que, muitas vezes, parecem ser da própria escritora. A estudiosa Nelly Novaes Coelho (2002) sintetiza bem o estilo da escritora.

Romancista de linhagem rosiana, Tereza Albuês comunga com aquelas ou aqueles que se entregam à criação de seus universos, como ‘viandantes’ em busca de Conhecimento. Viandantes agarrados à Palavra, como uma varinha mágica, capaz de desvendar o oculto por trás das aparências e dar ‘corpo’ permanente à enfermidade (COELHO, 2002, p. 615).

O terceiro romance de Albuês narra a jornada de Taisha, uma jovem escritora em busca de informações sobre a vida de seu bisavô João Pedro. Este último, um padre que renunciou ao sacerdócio para se unir em matrimônio a uma ex-escravizada, Teodora. A protagonista, estabelece um diálogo entre o passado de João Pedro, através da reconstrução da memória que as pessoas guardavam de seu bisavô e também do seu próprio presente. Paralelamente à caminhada de Taisha, conhecemos não só um pouco mais sobre a sua vida, como ainda sobre o romance entre João Pedro e Teodora, e todos os conflitos que esse relacionamento vivenciou.

Inicialmente, entende-se que Taisha está reunindo material a respeito das vivências de João Pedro para servir de inspiração para o seu primeiro livro, no entanto, no desenvolver da narrativa, observa-se que a protagonista está, igualmente, em busca de sua própria identidade, perpassando pela herança identitária do seu bisavô. Dentro desse contexto, a aspirante a escritora passa por uma evolução pessoal, profissional e também espiritual. Nos momentos de dúvidas e aflições, ela reflete: “Enfrentando diariamente dificuldades, tremores, perigos, estou em busca de quê? De bisavô ou de mim?” (ALBUÊS, 2019, p. 50).

Nessa perspectiva, a obra conta a história de Taisha e João Pedro, cada capítulo destinado a um deles. O primeiro, se inicia com o começo da caminhada de Taisha, o segundo, por sua vez, enreda sobre a chegada de João Pedro à pequena cidade de Livramento. E assim, vão se revezando até o sétimo e último capítulo, que narra o fim do percurso da bisneta de João Pedro. Nos capítulos em que é detalhada a caminhada da jovem escritora, o leitor fica a par de várias versões sobre a trajetória do enigmático padre

que impressionava a todos por onde passava. Os capítulos que narram sobre o casamento e vida de João Pedro e Teodora, conhecemos de fato a relação dos dois.

Embora Taisha e João Pedro sejam as personagens que protagonizam o terceiro romance de Albues, uma outra personagem merece destaque, por apresentar um papel de acentuada relevância na narrativa. Teodora tem uma representação significativa na obra. Uma mulher, negra, ex-escravizada e pobre, casada com um ex-padre europeu, tem que se impor para ser minimamente respeitada diante de uma sociedade preconceituosa. E em dos vários momentos de reflexão de João Pedro, ele antecipa as dificuldades que o casal sofrerá.

Presentia que a partir daquele momento nos tornaríamos aliados na confrontação com o mundo que haveria de nos hostilizar mas a verdade do amor que trazíamos em oferenda aberta tornaria os entraves passageiros. Louco de amor e juventude, subestimei os inimigos, meu equívoco primeiro na árdua batalha que nem em miragens pude antever (ALBUES, 2019, p. 44-45).

Em uma breve análise de *A travessia dos sempre vivos*, Nadaf (2004, p. 108) observa que “apesar do caráter ficcional dado à trama, esse personagem existiu na vida real há mais de um século da escrita da obra, e foi bisavô da autora.” Mais uma vez, reconhecem-se elementos da vida real da autora entremeados nos enredos de ficção, recorrente nos textos de Albues.

As travessias

O título do romance em análise neste artigo, tem uma palavra significativa para a compreensão da narrativa como um todo. O vocábulo “travessia” faz-se referência o percurso solitário e complexo de Taisha em busca de conhecer mais profundamente a história de vida de seu bisavô, e ainda corresponde ao trajeto que ela faz até chegar na Colina de Amah, onde encontraria as respostas e explicações sobre aquilo que procurava. Este foi o primeiro conselho facultado a jovem escritora:

Tome o caminho de peregrinação de seu bisavô, acompanhe as dobraduras das águas e montanhas, ouve a fala dos moradores da estrada, dos sítios, rincões e fazendas, tente reconstruir a trajetória dele até a Colina de Amah onde ele há de se mostrar pra você se tiver querência (ALBUES, 2019, p. 20).

Nos capítulos que se dedicam a narrar a história factual de João Pedro, nota-se que quem faz essa “travessia” é o próprio sacerdote. Após abandonar a batina, ele se enche de culpa em relação não só aos dogmas e julgamentos da igreja, mas também à decepção causada a seu pai. Esse remorso levou o jovem padre a experimentar episódios de loucura, como uma forma de escapar da realidade. Sua sanidade mental ficou comprometida, ouvindo vozes e buscando incessantemente o pai em todos os lugares, na esperança de sentir o seu perdão. No final da narrativa, é anunciada a morte física de João Pedro, no entanto, em outro momento do texto, fica subentendido que ele teria apenas passado por uma evolução espiritual.

Dias alternados, João Pedro calmo, agitado, andando pela casa, noites em claro mergulhado na oração, de madrugada gritos alucinantes, perdia a voz, não comia, muita sede, se jogava no poço do quintal, a mulher implorando, segura na caçamba para não se afogar (ALBUES, 2019, p. 76).

Vale destacar que, os capítulos que contam a trajetória de Taisha, tem-se uma narradora em 1ª pessoa, homodiegética, a própria personagem. É através do diálogo entre ela e as pessoas que encontra durante o percurso que conhecemos as inúmeras versões sobre a vida de seu bisavô. E é a narradora protagonista quem define o que parece ser verdadeiro ou falso a respeito de tudo que contavam sobre João Pedro. “Olhei pra ela meio aborrecida, queria terminar aquele encontro, me sentia desconfortável, algo em mim rejeitando a prosa, qual a razão de tanto desassossego?” (ALBUES, 2019, p. 82).

Nos capítulos que narram a história de João Pedro, temos um narrador em 3ª pessoa, heterodiegético, que parece ser uma moradora de Livramento. Através dela, sabemos como a os habitantes da pequena cidade veem os últimos acontecimentos, as hostilidades praticadas por eles e os medos de uma punição divina. Acompanhamos ainda, através desse narrador, o crescimento da nova família livramentana, o nascimento dos filhos, os devaneios e neuroses de João Pedro, o progresso do trabalho de Teodora, os episódios de racismo, e a firmeza com que ela lidava com todas essas problemáticas.

A chegada em Livramento, anoitecendo, pouca gente na rua, suficiente para espalhar a notícia, padre João Pedro sem batina, acompanhado duma negra [...]. As pessoas ficaram chocadas, não acreditavam no que viam, pediam a Deus para acordar do pesadelo (ALBUES, 2019, p. 57).

Um ponto interessante a ser ressaltado é que, em alguns momentos, a narração passa ser em 1ª pessoa, sendo ora narrada pelo padre, ora por Teodora. As interrupções na narrativa em 3ª pessoa não são precedidas por anúncios, o leitor é surpreendido quando, de repente, João Pedro ou Teodora assumem a narração, apresentando os acontecimentos conforme suas perspectivas. A ruptura no foco narrativo parece ser um elemento interessante para a construção do enredo, uma vez que possibilita ao leitor compreender os pontos de vista distintos de João Pedro e Teodora.

Quando é o ex-padre quem se expressa, o foco recai sobre suas angústias e aflições. Ele vive em conflito devido à dificuldade de conviver com a decisão que tomou. Embora, no momento em que decide abandonar o sacerdócio, aparentasse força e consciência das consequências dessa escolha, ao vivenciá-la, revela dificuldades em lidar com diversas situações. “Eis que na primeira missa me foi mostrado o caminho com a clareza que sempre busquei, devo dar ciência a meu pai. Não quero ser o causador de tamanha mágoa mas também não posso continuar vivendo uma mentira só pra agradá-lo” (ALBUES, 2019, p. 39).

Para João Pedro, o peso mais vultoso não eram os julgamentos e preconceitos da sociedade, mas sim o fato de seu pai ter falecido sem manifestar perdão. Isso pesava muito, porque o desejo de que o filho fosse padre, parecia ser muito maior que a do próprio João Pedro.

Penso em meus pais, no desejo que sempre tiveram em me ver sacerdote. [...] Cresci, o desejo de servir a Deus em mim se revelou mais forte, fui para o Seminário. Mas durante o noviciado algumas vezes fraquejei, duvidava de minha vocação, a escolha teria sido de Deus ou de papai? Essa dúvida me acompanhou durante anos, orava e me mortificava para que meu espírito se apaziguasse” (ALBUES, 2019, p. 39).

Em outros momentos do enredo, antes de conhecer Teodora, João Pedro deixou transparecer de suas inseguranças em relação a prática do sacerdócio. “Ela aparentava naturalidade, desapercibida dos conflitos que provocava, nos traços marcantes do rosto nada transparecendo, serena. Reconheci que o impasse morava em mim” (ALBUES, 2019, p. 36).

Quando a narrativa assume a perspectiva de Teodora, fica evidente que sua preocupação central não reside tanto em si mesma, mas sim no bem-estar de seu marido.

Mesmo enfrentando considerável preconceito por parte dos habitantes de Livramento, Teodora não enfatiza sua própria dor, sempre evitando lamentações. Pelo contrário, concentra-se incessantemente em trabalhar para assegurar o sustento dos filhos e preservar a paz de seu marido, sem permitir que perturbações os afetasse: “Meu marido era só felicidade, alegria derramada, não podia contrariar ele, minha obrigação era ajudar ele ser mais feliz ainda” (ALBUES, 2019, p. 69).

Através das experiências vivenciadas, vão aos poucos conquistando o que anseiam, conscientes, por conseguinte, de que “toda reorganização de identidade tem seu preço” (ASSMANN, 2011, p. 75). Sobre as narrativas de Albues, Coelho pontua: o tempo da busca é quase infundável, porque o preconcebido é o mundo fervilhante de gestos, anseios, preconceitos, paixões, ódio domados, contidos ou limitados por formas inalteráveis de relações que ‘organizam’ o convívio humano e permitem a existência da Sociedade, sistema ordenador sem o qual o mundo mergulha na barbárie. Ordem necessária, mas castradora da liberdade humana (COELHO, 2002, p. 615)

Conhecendo Teodora

Em meio a jornada de Taisha, desenvolve-se a história de amor improvável entre um padre e uma escravizada, com suas nuances românticas: amor verdadeiro e eterno, uma paixão avassaladora, além de uma coragem e força inabalável para enfrentar os preconceitos. A presença de elementos sobrenaturais contribui para enriquecer ainda mais essa história, conferindo-lhe uma força adicional a esse vínculo amoroso. Nos pensamentos de João Pedro, nota-se esses aspectos:

Senti a vibração de seu corpo avançando como correnteza de rio perigosa, vigorosa, rasgando a terra cegamente sem se importar com a proximidade do despenhadeiro. Rolamos ribanceira abaixo, nos amamos ali mesmo, ardor incontido, até o anoitecer (ALBUES, 2019, p. 44).

Na celebração inaugural conduzida pelo padre europeu, ele se encontra fascinado por uma moça no fundo da igreja. Após o impacto inicial, o padre conclui a missa e retorna confuso para a residência das irmãs Pessegueiro, onde estava hospedado. “Depois da leitura do evangelho, comecei a falar, mas me perdi logo de início quando a vi. [...] Negra, alta, linda, olhos enormes, inquisidores, a moça me encarava ostensivamente, o olhar escorrendo para dentro da minha alma, devassador” (ALBUES, 2019, p. 36).

No momento em que João Pedro e Teodora se encontraram pela primeira vez, a moça afirmou que não havia comparecido à missa em Livramento. “Então eu também apareci no seu sonho” (ALBUES, 2019, p. 43). Depois desse encontro, João Pedro comunica à igreja e à população que está deixando o sacerdócio e que vai se casar com Teodora. “Com seu gesto causou uma revolução sem precedentes nos costumes, crenças, tradições. Ao largar a batina ofendera a Deus, ao casar com uma negra ofendera a honra das famílias tradicionais” (ALBUES, 2019, p. 60).

A partir desse momento, os recém-casados passam a enfrentar intensos preconceitos por parte das famílias livramentanas. No entanto, Teodora é a principal vítima desses ataques, dada a sua condição de ser negra, mulher e ex-escravizada. A população culpava a moça por tudo: “À Teodora, nenhum perdão, só lhe votavam hostilidade e desprezo, evidente discriminação da raça e origem humilde. Ela era a culpada, seduzira o padre, o moço inexperiente, desviando-o do caminho do Senhor, bruxa!” (ALBUES, 2019, p. 60).

Mesmo Teodora sendo uma mulher trabalhadora e dedicada, as famílias tradicionais de Livramento recusavam aceitá-la como parte integrante de sua sociedade, pois não toleravam a presença de uma mulher negra em seu meio. “Socialmente não trocavam mesuras, cada qual no seu lugar, vê lá se vamos dar confiança pra essa negra frequentar a nossa casa” (ALBUES, 2019, p. 62). Para o homem europeu, olhava-se torto, mas a pessoas diziam que ele era um homem sábio, branco, de linhagem europeia. Já a Teodora, o olhar estava centrado na sua variada condição de subalternidade: mulher, negra, ex-escrava e pobre.

Nesse sentido, convém mencionar o termo criado por uma feminista norte-americana, por Kimberley Crenshaw (2002, p. 177). Segundo a estudiosa, a interseccionalidade é a busca por capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela aborda essencialmente como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios originam desigualdades fundamentais que moldam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e demais categorias. Reconhece-se essa ideia na situação experimentada por Teodora.

À medida em que Teodora ia parando com sucesso os filhos dos mais abastados, foram desaparecendo hostilidades ostensivas dando lugar a

frieza, tratamento formal que aos poucos se transformou em respeito embora o distanciamento fosse o mesmo (ALBUES, 2019, p. 62).

Para Crenshaw (2002), é importante que a sociedade tenha um olhar mais atento e cuidadoso com essas relações interseccionais, haja vista um fator de desigualdade (raça), por exemplo, não pode excluir outro (gênero). Sob esse viés, ela sugere que a teoria da interseccionalidade seja utilizada como uma metodologia eficaz, com o fito de identificar as causas e consequências dessas problemáticas e assim poder mitigá-las. Lugones (2014), por sua vez, faz um alerta, que apenas identificar as categorias de subordinação, não é o suficiente. É preciso, principalmente, considerar as relações entre essas categorias e de como elas podem gerar múltiplas formas de opressão.

João Pedro não tinha ciência dos xingamentos e das ofensas veladas dirigidos a Teodora. Ela não o importunava com suas dificuldades, mantendo-se firme, sem queixas aparentes, sempre com dignidade e força, pois o bem-estar do marido e dos filhos eram sua prioridade máxima. “Teodora fazia de tudo pra João Pedro não perceber o quanto estava sofrendo, o desprezo das pessoas, zombarias e indiretas” (ALBUES, 2019, p. 64). Independente, do momento em que seu marido estivesse vivendo, são ou louco, ela não se deixava abater, sempre cuidando dele, e dos filhos, e da casa.

Trata-se de uma mulher, negra e em situação de pobreza, e que as discriminações raciais vivenciadas, fizeram com que criasse uma ideia de realidade dignamente aceitável, levando-a a lidar com ela. A partir de um narrador heterodiegético, que em alguns momentos, dá voz a Teodora, e assim, dá acesso aos sentimentos e pensamentos mais profundos dessa mulher, negra e pobre, permitindo que o leitor conheça as dores que habitam em seu peito e a realidade dura que se impõe a ela.

Uma outra característica notável da ex-escravizada é sua resistência e lealdade ao marido. Em um relacionamento repleto de altos e baixos, mediante a instabilidade de humor de João Pedro, testemunhamos a inocência, sagacidade, inteligência e habilidade de adaptação de Teodora diante das situações mais desafiadoras durante seu casamento com Janjão. “Sofria também por João Pedro, ele não reclamava mas ela ficava com dó do moço branco, distinto, preparado, vivendo desprezado, servindo de caçoada nas conversas das vendas, até quando ia aguentar?” (ALBUES, 2019, p. 64).

Teodora sempre exaltava João Pedro, em contrapartida se inferiorizava. Reforçando a ideia de que teve muita sorte de casar com um homem europeu, branco,

loiro e de olhos verdes. “[...] não entendi, aliás não entendeu muita coisa que ele falava, com certeza tirava coisas dos livros que lia sem parar. Eu não sei ler, o que mais posso pensar?” (ALBUES, 2019, p. 63). “A preta se sente inferior, por isso aspira a ser admitida no mundo branco” (FANON, 2008, p. 66). Relacionado a isso, o estudioso salienta:

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (FANON, 2008, p. 59).

A ex-escravizada se sentia assim, não por fraqueza, mas por uma imposição da sociedade racista e preconceituosa que se estabeleceu no país. Teodora se achava menor, inferior, porque isso lhe foi incumbido. Um homem branco, letrado parecia sem ser demasiadamente superior a ela. “Aquele homem branco de olhos verdes, cheio de boniteza, era meu marido amado e mesmo que tivesse todos os defeitos do mundo para os outros, pra mim ele era perfeito” (ALBUES, 2019, p. 63).

De acordo com o intelectual Frantz Fanon (2008, p. 65), a mulheres negras “precisam de um homem branco, todo branco, e nada mais do que isso. Quase todas esperam durante toda a vida, esta boa e improvável sorte”. Idealizando, portanto, uma vida com menos sofrimento. É possível perceber essa concepção, no trecho do romance em análise.

Contei a Teodora que tinha decidido renunciar ao sacerdócio e pedi que se casasse comigo, juntos voltaríamos a Livramento onde precisava tornar clara minha posição diante dos paroquianos. Ela aceitou emocionada e disse, pena que mamãe não está viva pra ver a filha casando com moço branco, ia ficar feliz. E qual a importância da cor da pele, perguntei? Pra você que nasceu branco nenhuma, mas para o negro é só sofrimento (ALBUES, 2019, p. 45).

Portanto, apesar de Teodora não desempenhar o papel principal nessa trama, ao conceder-lhe voz, o narrador heterodiegético revela a angústia enfrentada diariamente por mulheres negras em circunstâncias semelhantes à dela. São nos instantes em que Teodora narra suas próprias ações que o leitor tem acesso às suas angústias, pois ela não compartilhava esses sentimentos com ninguém. Nas ocasiões de ódio gratuito, por parte

de alguns moradores, ela se omitia: “Quantas vezes passava nas calçadas ouvia deboches, comentários grosseiros, volta pra senzala, mandingueira, urubu, ave agourenta, os mais agressivos cuspiam a sua passagem” (ALBUES, 2019, p. 64).

O ódio não é dado, deve ser conquistado a cada instante, tem de ser elevado ao ser em conflito com complexos de culpa mais ou menos conscientes. O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se *ódio* (FANON, 2008, p. 61).

Ainda, segundo Fanon (2008, p. 107), “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse. (FANON, 2008, p. 107). Situação semelhante acontecia com o jeito de andar, de ser de Teodora: “Fingia não tomar conhecimento, andava rápido, cabeça erguida, uma postura que ofendia aos que queriam humilhá-la, negra mais arrogante. Ninguém percebia que era o seu jeito natural de caminhar, não sabia se movimentar de outra maneira” (ALBUES, 2019, p. 64). Sob essa ótica, é observável que a crítica dos moradores de Livramento, em relação a altivez no caminhar de Teodora, visava desencorajar sua interação social com os outros, mantê-la dentro de casa.

Apesar de enfrentar inúmeros desafios e ser vítima de racismo, é fundamental salientar que Teodora nunca expressou o desejo de ser branca; sua única aspiração era evitar que seus filhos passassem pelo mesmo sofrimento que ela. A discriminação racial que a ex-escravizada enfrentou após se casar com João Pedro consolidou sua convicção de que a vida é mais desafiadora com base na cor da pele. Ela percebeu que, naquela pequena cidade, ser uma mulher honesta, dedicada, boa mãe e esposa não era suficiente para ser aceita pelos habitantes livramentanos. O fator mais impactante era a cor de sua pele. Ser preta era o que exercia uma influência significativa. Assim como salientou, em *Cadernos de memória* (2018), a escritora portuguesa Isabela Figueiredo salienta: “Mas um branco podia, se quisesse, casar-se com uma negra. Essa ascenderia socialmente, e passaria a ser aceite com reservas, mas aceite” (FIGUEIREDO, 2018, p. 35).

O mundo contemporâneo impulsiona as relações humanas e nelas há diversas maneiras e intenções comunicativas que retratam o interesse do sujeito em se identificar ou não com determinados grupos sociais, bem como mostrar seu lugar no mundo. Desse modo, várias ferramentas são utilizadas para atingir objetivos que levam à estruturação

da obra, como a literatura moderna, que insere novas situações e paradigmas em relação ao texto literário e seus elementos. A partir dela é que vemos a construção e desconstrução de elementos identitários, o rompimento de fronteiras psicológicas e geográficas, utilizando a metaficcionalidade como suporte de demonstrações e interpretações de nossa sociedade e cultura; entretanto, é pelos elementos imbricados na linguagem que se constata a multiplicação do sujeito e dos discursos ativados em detrimento das intenções evocadas pelos indivíduos. Nesses termos, o texto literário é de suma importância por conciliar diversas características das sociedades nas obras em relação ao momento de sua expressão.

Mesmo diante de todos os desafios, trata-se de uma mulher resiliente, que persiste, assegurando a sobrevivência de sua família por meio de seu trabalho. No entanto, ela é sobrecarregada pela discriminação racial da sociedade e suporta as consequências devido à pressão para se sentir inserida na comunidade. A força da Teodora se origina dessa ambivalência, mesmo que a estrutura social pareça desmerecê-la, a narrativa transforma sua personagem mais poderosa diante das adversidades. “Desamarrem meu marido, ordenou Teodora, a valente esposa de João Pedro [...] Mulher de fibra, se desdobrando em múltiplas funções” (ALBUES, 2019, p. 72).

Teodora e João Pedro tiveram cinco filhos, sendo que apenas o último nasceu com traços negros, ao contrário dos outros, que se assemelhavam ao ex-padre. Essa circunstância causou profunda tristeza à ex-escravizada, enquanto trouxe imensa alegria a João Pedro, que via no filho negro, de olhos verdes uma representação da união de raças. Para ele, era um símbolo de diversidade, enquanto para ela, representava mais um indivíduo destinado a enfrentar desafios em uma sociedade marcada pelo racismo.

João Pedro na frente, de novo na porta da pensão encontra Teodora cabeça baixa, não tem orgulho do menino negro, sempre sofrera por causa da cor, porque ficaria feliz de passar a mesma a mesma herança a um folho seu? Sente-se derrotada, quer desaparecer, se esconder no Tanque Fundo, depressa (ALBUES, 2019, p. 100).

Observa-se na cena do nascimento do quinto filho do casal, o conceito elaborado por Iris Marion Young (2000), em que a ideia de "perspectiva social" denota que “pessoas posicionadas diferentemente na sociedade possuem experiência, história e conhecimento social diferentes, derivados desta posição” (apud DALCASTAGNÈ, 2008, p. 206).

Embora as pessoas possam ser sensíveis aos problemas um dos outros e demonstrar solidariedade, jamais vivenciarão as mesmas experiências de vida. Como resultado, perceberão o mundo a partir de perspectivas distintas. Dessa forma, tanto homens quanto mulheres, brancos e negros, ricos e pobres, perceberão e manifestarão o mundo de maneiras distintas.

Destarte, diante da dolorosa realidade experimentada por Teodora, torna-se compreensível a tristeza que a afligia ao dar à luz a um filho de pele negra. Ela buscava evitar testemunhar a angústia imposta pelo racismo em alguém que amava profundamente. Enquanto isso, João Pedro nutria a utópica esperança de uma coexistência pacífica entre diferentes raças. Apesar de reconhecer a fortaleza de Teodora, ele não conseguia mensurar plenamente as adversidades que ela enfrentara. Ainda em relação ao nascimento do filho do casal.

João Pedro observa Teodora e se entristece, sabe que do seu sentimento em relação a Casimiro a mulher não partilhava, uma lástima que Teodora não conseguia enxergar além da cor da pele o próprio valor, o significado do nascimento do filho, benção de Deus na celebração do amor entre eles (ALBUES, 2019, p. 100).

Entre todas as condições mencionadas por Teodora, ser negra era a que mais a angustiava. Durante o período em que era escravizada, enfrentou maus-tratos. Foi somente após ser resgatada por sua avó de criação, Marcola, que sua vida melhorou. Desde então, Teodora sempre soube que a sua cor seria uma dificuldade constante ao longo de sua existência, e por isso não queria ter um filho preto, para sofrer o mesmo que ela.

E é essa mulher que acolhe o ex-padre, e lhe dá aconchego e um pouco de paz, talvez porque é isso que se espera de uma mulher, nessa sociedade patriarcal. Teodora, então, mais que a sua própria dor, representa a dor de outras mulheres negras, que viveram essa mesma situação. E são as dores dessas mulheres que o leitor vai encontrando pelo caminho em que Teodora perpassa: as casas de pessoas brancas com ar de superioridade racial e social; as ruas repletas de preconceitos e ofensas duras; o julgamento daqueles que se achavam santos e a dor de ter que repassar toda essa vivência para seus filhos.

Dessa forma, entende-se que Teodora poderia ser a protagonista de *A travessia dos sempre vivos*, visto que a Albués traz, entremeadas na sua estrutura narrativa, não só a figura da mulher negra e sua perspectiva social, como também a discussão de uma

problemática inserida na sociedade contemporânea. Assim, a autora se utiliza de elementos internos da narrativa, a história de Teodora, para debater elementos externos ao romance, como a experiência da trajetória da mulher negra. Ainda que essas estratégias narrativas sejam insuficiente para capturar as vivências das mulheres negras, elas demonstram a importância de colocá-las em evidência nos textos literários, visto que é uma área notável para esse tipo de expressão, pela genuinidade social que eles mantêm.

Considerações Finais

Em relação às questões identitárias, *A travessia dos sempre vivos* patenteia, por meio da representação literária, que somos, inegavelmente, seres em constante mutação e sempre em processo de (des)(re)construção da identidade. Dentre os diversos aspectos que podem contribuir para as mudanças da individualidade, a memória é o elemento que mais influencia nesse processo, visto que revisitar o passado, relembrar, reviver momentos, é algo que mobiliza o pensamento, a reflexão, a ponderação e, muitas vezes, o redimensionamento e redirecionamento da vida.

Conhecer a produção literária de um povo é conhecer também sua história, suas crenças, sua essência. Cada período literário é uma representação dos ideais dos artistas de uma determinada época. Os textos, de maneira geral, trazem o que mais era tendência em cada momento, procurando destacar a região, a cultura de sua gente. Em Mato Grosso não foi diferente. Desde os primeiros textos literários, a preocupação em valorizar o mato-grossense, os seus costumes e o seu modo de viver, sempre esteve presente.

A caracterização de um momento literário que ainda está em desenvolvimento é tarefa das mais complexas devido à produção literária brasileira atual ser constante, e de fato lidar com a contemporaneidade é complexo, pois o texto dito contemporâneo demanda uma preparação particularizada, na leitura, por exemplo, em que determinadas metodologias requerem preparação, em que a instabilidade e dúvida são premissas para a leitura de determinado texto contemporâneo. Nesse sentido, podemos entender que:

[...] o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por

uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz receber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHØLLHAMMER, 2010, p. 9-10).

Diante disso, os autores talvez não tenham uma visão abrangente sobre o presente, embora sejam leitores abastados do texto e do mundo e, por estruturarem sua escrita em um sentido metafórico, observam a possibilidade de uma presentificação real do tempo, entretanto, não se verifica determinado distanciamento histórico para análises em sua totalidade, há uma procura em imprimir realismo em obras que não se configuram na simples volta à escola literária dita realista, mas na intenção de se trabalhar realidades pessoais e coletivas em que é perceptível a memória histórica no contemporâneo. Entende-se, assim, que a contemporaneidade parte de uma vontade de fundamentar presença em relação à vontade de que a obra proporcione efeitos reais. Esse objetivo parte por vias da tentativa de impressão da realidade social e cultural da literatura (diferentemente da mera representatividade). É viável acrescentar que ser contemporâneo é estar inserido no mundo atual e que esse tal realismo social e da experiência individual corroboram para produzir o sentimento de presença na literatura contemporânea.

Na literatura contemporânea, a linguagem ultrapassa a descrição representativa do real, atraindo o leitor a partir de efeitos estéticos da escrita que o deixa envolvido com a narrativa, criando sentimentos, muitas vezes, de tomar partido e de construção da narrativa em determinadas situações. As indagações criadas a partir da leitura de obras contemporâneas é fruto do impacto que a mídia insere na literatura e é necessário que consideremos que ela contribui satisfatoriamente às produções literárias atuais, pois insere outros gêneros textuais, adaptando uma linguagem fragmentária como artifício para se falar do real e do agora, tendenciando uma nova característica das produções contemporâneas, a autoficção.

Referências

ALBUES, Tereza. *A travessia dos sempre vivos*. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Antonio de Paulo Soethe. São Paulo: Unicamp, 2011

COELHO, Nely Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711- 2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

Revista de Letras Norte@mentos

102

Estudos Literários, Sinop, v. 17, n. 47, p. 88-103, jan./jun. 2024.

- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 171-189, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira. *Revista Niterói*, nº 24, p. 203-219, 1. sem. 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. São Paulo: Todavia, 2018.
- LUGONES, María. *Radical Multiculturalism and Women of Color Feminism*. *Journal for Cultural and Religions Theory*, v. 13, p. 68-80, 2014.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Presença de mulher: ensaios*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2009.

Recebido em: 28/02/2024

Aceito em: 31/03/2024